DEPOIMENTOS

Luciano Zajdsznajder, argonauta do pós-moderno*

Frederico Lustosa da Costa**

Por volta de 1989, quando eu coordenava os cursos da EBAP em Brasília, levei Luciano Zajdsznajder para proferir uma série de conferências sobre o pós-moderno. Nessa época, nós tínhamos uma estagiária que cuidava da divulgação dos cursos e eventos e que articulava a publicação de várias matérias e a realização de algumas entrevistas. Uma delas foi um desses programas de variedades que passam à tarde na televisão. O entrevistado anterior falara a propósito de um tumultuado *show* da banda Legião Urbana, sobre a decomposição moral da sociedade e a dissolução dos bons costumes. Luciano entrou em seguida e foi recebido com as apresentações e saudações de praxe. O entrevistador, do alto de sua ciência, fez a primeira pergunta em forma de comentário: professor, como o senhor pôde ver e já deve ter pensado sobre isso, os tempos modernos têm-se caracterizado pela desagregação dos valores morais, com o aumento da indecência das novelas, os trajes sumários dos banhistas nas praias, o palavrão na boca das crianças, a sem-vergonhice dos motéis, a pederastia e o consumo de drogas. Ora, se o moderno já é assim, como é que não vai ser esse tal de pós-moderno?

Essa anedota ilustra bem uma certa incompreensão que cercou o trabalho e até mesmo a figura de intelectual pós-moderno que era Luciano Zajdsznajder, que aqui tentamos resgatar em alguns dos variados modos de inserção na vida social que exercitou para a representação do eu na vida cotidiana. A referência de Erwing Goffman e ao interacionismo simbólico não é casual e dá conta da dimensão trágica da existência e do espetáculo dionisíaco permanentemente em função que não lhe eram estranhos. Pois a idéia de teatro, de jogo, de dramaticidade está presente em diferentes momentos da obra e daquilo que nos é dado conhecer da vida de nosso amigo Luciano Zajdsznajder.

Apesar de ter sido aluno, colega, admirador e amigo do Luciano, não conheço muito da sua vida além do que está no *curriculum* e do que escapou em conversas devotadas a temas mais abstratos. E era a partir dessas conversas pontuadas de argumentos consistentes, perguntas inusuais e observações desconcertantes que se podia perceber a criatividade, a diversidade de interesses, o sentimento humanista e o caráter universalista de seus, digamos assim, "métodos de pensa-

* Texto lido por ocasião da homenagem póstuma *A presença acadêmica de Luciano Zajdsznajder*, realizada na EBAP/FGV, em 3 de dezembro de 1996.

** Professor da Escola Brasileira de Administração Pública (EBAP) da Fundação Getulio Vargas (FGV).

mento", que uma obra imposta pelas demandas da academia nem sempre consegue mostrar. Seu livro sobre o pós-moderno, entretanto, que ele considerava uma espécie de manual de sobrevivência na nova era, é um mapa da consciência crítica, um empório de saberes da contemporaneidade.

De fato, sua curiosidade intelectual não tinha limites. Muito cedo, começou sua vida profissional no jornalismo, trabalhando como repórter no *Jornal do Commercio*. Formou-se em filosofia na UFRJ e pós-graduou-se em economia pela Columbia University. Ainda como jornalista, trabalhou na Eletrobrás, editando a revista da estatal. Deu aulas de economia na UFF e trabalhou no programa de pós-graduação em educação do IESAE/FGV, de onde se transferiu para a EBAP, trabalhando nas áreas de teoria das organizações, administração pública, sistema empresarial brasileiro e filosofia social. Voltou a estudar filosofia no programa de doutorado da USP. Por último, estava completando seu doutorado em comunicação. A agenda de trabalho mudava, mas os interesses permaneciam. Certa vez, depois de anos em que estava trabalhando na FGV, longe dos tratados e manuais de economia, levou a mim e ao prof. José Cesar Castanhar para um seminário intensivo de três dias em Fortaleza, onde se fazia, de forma muito percuciente, aliás, a exegese dos *collected papers* de lorde Keynes. Com todo o respeito à memória desse súdito de Sua Majestade britânica, só fui por causa das companhias e do local de realização.

A abertura democrática despertou-lhe o interesse pela *Teoria e prática da negociação*, título de um bem articulado trabalho teórico publicado pela José Olympio. Partindo de seu próprio interesse pelo teatro e seguindo a trilha de Erwing Goffman e Georges Balandier, ele via a negociação sobretudo como um jogo dramático e ritual. Mas a negociação tem suas táticas e sempre obedece a uma estratégia maior. Foi a partir dessa constatação e de uma releitura atenta e perspicaz de Sun Tzu, Maquiavel, Clausewitz e do próprio Goffman que ele reencontrou as estratégias geopolítica, política, militar, empresarial e interpessoal. A negociação e a estratégia, ensinava, devem-se fazer em obediência a determinados princípios éticos. Na política, nos negócios, na vida profissional, é preciso *Ser ético*, conforme indica o título de seu último livro. A negociação também é a prática da retórica, quer dizer, a arte da argumentação e da persuasão-comunicação. Estratégia-ética-negociação-comunicação-educação-administração-governo-sociedade se conjugam numa seqüência de pensamento lógico para formar uma agenda de pesquisa, uma espécie de programa de estudos avançados em governo e administração pública que o Luciano impôs a si mesmo, completando aquilo que, inspirados em Faoro, poderíamos chamar de uma viagem redonda. Ousado Luciano. Esse programa contempla certamente dois e talvez os três *métiers* impossíveis a que se referiu Freud — educar, governar e psicanalisar.

Pois que dizer do autor da *Travessia do pós-moderno*, que dedica verbetes inteiros a temas como loucura, identidade, mulheres, desejo, prazeres, paixão, mal-estar (na civilização) e psicoterapia, tudo isso temperado por leituras diversificadas que não se circunscrevem ao campo psicanalítico, mesmo que alargado

pelas diversas tendências, que podem ir, como diz o prof. Augusto Pontes, um amigo cearense do Luciano, da *lacanagem à reicharia*? Que dizer do autor de um romance secreto, o romance da divisão, que ele só mostrou a uns raros amigos, entre os quais não tive o privilégio de ser incluído? Depois da fratura que marca o ingresso na existência pós-moderna, essa travessia sem destino é uma busca que se abre a todos os saberes.

Daí seu interesse pelas experiências de regressão dos adeptos do Santo Daime, pelos poderes energéticos das pirâmides, pelas virtudes do pêndulo, pelo universo metafórico do I Ching e das cartas do Tarô de Marselha e pela teogonia do continente indiano. Sua própria casa refletia uma forma de dividir e organizar interesses. No escritório, os livros de ciências sociais e administração. Na sala de estar, os livros de filosofia. Na sala de meditação, em torno da sua pirâmide, os livros místicos ou esotéricos. No quarto, os livros de teatro. No banheiro, alguma ficção.

Luciano deixou uma grande lição a todos nós que fazemos a EBAP e a própria Fundação Getulio Vargas — sua ousadia intelectual para vencer o conformismo bem pensante que, durante muito tempo, nascia num ambiente constituído pela alternância entre o estatismo patrimonialista e o pragmatismo utilitarista. Bastava a sua presença nas reuniões da congregação da EBAP para que elas perdessem aquele tom pomposo e estéril a que inconscientemente muitas vezes somos levados a lhes conferir.

Na última vez que nos vimos, no ano passado, Luciano ainda estava entusiasmado com a sua viagem à Índia. Talvez tenha encontrado por lá a chave do *Grande veículo*. Ou, ao contrário, tenha vislumbrado essa figura da modernidade que Jean François Lyotard, o filósofo do pós-moderno, utilizou para definir André Malraux: *ne pas croire et agir pourtant*, que na poética portuguesa poderia ser traduzido por "navegar é preciso; viver não é preciso".

Segue tua viagem, Luciano. Faz a tua travessia. Mas manda *pranas* para nós.